

O CENTENÁRIO DE OSMUNDO PONTES⁸ (1920-2020)

Juarez Leitão

OSMUNDO PONTES tinha apenas cinco anos quando voltou ao útero de Iracema, a mãe tabajara da Pátria Alencarina, que às vezes procria fora de seu território.

O menino OSMUNDO vinha de Lábrea, onde nascera, no coração da Amazônia, para onde um dia partira seu pai, o massapeense MANASSÉS PONTES, no sonho da borracha e no mesmo roteiro de outros conquistadores do Inferno Verde, os bandeirantes nordestinos colonizadores da Grande Floresta.

Muito cedo, o jovem OSMUNDO conseguiu ter uma visão esclarecida da vida e do mundo, aquela segunda leitura dos fatos e das atitudes humanas que somente os lúcidos conseguem antecipar.

Sua vocação de líder se tornou tão grande dentro dele que não pôde mais ser contida. E ele logo descobriu as responsabilidades que encarnava, pois os de sua geração queriam ouvi-lo, procuravam segui-lo e declaravam comungar de suas ideias e se incorporar às suas iniciativas.

Viu assim que não era apenas um indivíduo, um simples homem perdido na cinzenta multidão dos comuns. Sua voz, seus gestos e seus sonhos transformavam-se facilmente em apelos plurais, em atitudes coletivas, sempre endereçadas para o bem social e construídas nas melhores e verdadeiras intenções cívicas.

Tudo era feito com entrega absoluta e no ponto mais esticado da paixão.

8 Oração proferida na Sessão de Homenagens da ACL em Datas de Rememoração: Homenagem ao centenário do Acadêmico Osmundo Pontes, em 7 de dezembro de 2020, às 19 h., através do site: www.linkpra.me/acl via Google Meeting.

Os três pilares da filosofia aristotélica, pathos, ethos e logos, traduzidos como a emoção afoita, a ética vertical e a palavra lógica foram adotadas como o farol de seus procedimentos.

Mas, em tudo, a paixão parecia comandar seu destino com os passos sublimes da audácia.

Parece que certas atitudes humanas só podem ser praticadas em estado de paixão.

O filósofo francês Émile Chartier afirma que o mundo é conduzido pelas paixões e não pelas ações cartesianas.

Os braços da paixão alcançam o ontem, o agora, o amanhã e deitam suposições sobre o imponderável.

A paixão edifica, inventa, resplandece, formula teorias, desmonta o impossível, produz o gesto, o salto, a dor, o delírio. Gera o rio e a correnteza, as quedas e as alturas.

De seu barro elementar se fazem as guerras e as catedrais. As histórias singelas e as epopeias. Os poemas, os contos, as ufanias, as cantigas de ninar e as doces cirandas da liberdade.

OSMUNDO PONTES era um apaixonado.

Em tudo o que sonhava havia um toque luminoso, um brilho. Aquele brilho que não está nos olhos dos comedidos e dos acomodados, mas na alma impávida dos afoitos.

O gosto de atirar-se, movido pela paixão idealista, fazia dele, desde muito jovem, um inquieto, um mobilizador de massas pelas causas em que acreditava.

“Risonho, franco e disposto” – como o viu Eduardo Campos, naqueles verdes anos da mocidade, em frenéticas campanhas pela construção da Casa do Estudante e por uma imprensa lúcida, comprometida com a consciência cultural e democrática que o momento requeria.

Adolescente do pós-guerra, comportava-se como um arauto da reconstrução ocidental, pregoeiro dos valores que estiveram sob a ameaça fascista e ardoroso defensor da adaptação rápida da sociedade à dinâmica do século XX na vanguarda das artes, das letras e da tecnologia.

Fundador de uma das mais importantes publicações daquele tempo, a *Revista Contemporânea*, editada com capricho e criatividade, cedo construiu entre os leitores do Ceará e por onde circulava um sólido conceito.

Jornalista vocacionado, que logo se fez acreditado, emitiu sua opinião e sua filosofia nos grandes jornais do Ceará, do Piauí e do Maranhão, firmando-se também como um grande repórter. E nesse ramo do jornalismo venceu espinhosos desafios, conseguindo entrevistar figuras estelares da política, da literatura e do mundo artístico.

Com sua palavra franca e sedutora conseguia Osmundo Pontes abrir todas as portas.

Formado em Direito, na Turma de 1945, o destino o levaria para os caminhos da Justiça, primeiro como advogado e, depois, como Procurador Judicial de Terras do Ceará, Juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Fortaleza e, finalmente, como juiz e Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, em que se aposentou.

Viajante de muitos destinos, Osmundo cumpriu com vigor e prazer a herança andeja que nós recebemos dos índios, dos ciganos e dos judeus. Correu terras e mares, num périplo bem maior do que a maioria dos grandes viajores.

Seu olhar sobre pátrias e gentes era assimilador e transcendente. Gostava de saber dos usos e costumes e de aprender lendo a alma humana e os sentimentos do mundo.

Sua paixão pela literatura foi precoce e obstinada. Usou-a na crônica, na reportagem, no relato de viagens e, quem sabe, nos versos.

Imagino quantos textos produziu no exercício lírico e em tarefas de encanto para o enleio de sua bela musa, a inefável Cybele, companheira e cúmplice de suas paixões, destinada ao amor eterno por seu andante cavaleiro.

Militante das entidades literárias a muitas pertenceu e de algumas foi fundador. Tinha na palavra, escrita ou falada, o instrumento de sua honradez, como bem disse ao tomar posse como Presidente da Academia Cearense de Retórica:

“A palavra nos possibilita o cumprimento de nosso ideário. Não as palavras vãs. Porque quando as palavras não dizem a nossa verdade, pouco importam, ou nada importam.”

Senhoras e senhores membros da Academia Cearense de Letras:

Estamos reunidos hoje, deste modo singular, para comemorar o CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE OSMUNDO PONTES,

Move-nos o mesmo sentimento de altaneirismo e orgulho nativista que desde menino floresceu na alma daquele que haveria de se tornar entre nós referência de entrega e de dedicação.

OSMUNDO era um homem que animava as coisas que tocava e quando andava deixava as marcas da audácia, a distinção entre o transitório e o permanente, entre o chão e a nuvem, entre o concreto e o imponderável, na santa mistura da utopia com a realidade, num conluio venturoso de Sancho e Quixote, devidamente arranjados em seu espírito nobre.

Ajudou a construir jornais, revistas, associações e academias.

Apoiar e animar a criatividade dos que trabalham com a palavra foi um dos territórios que escolheu para a sua permanência.

Uns constroem pirâmides, outros erguem obeliscos. Mas somente os que semeiam ideias e velejam os criadores dos mares da imaginação viverão para sempre.

OSMUNDO PONTES, o Cavaleiro da Paixão, que há cem anos chegou para marcar com sua lúcida presença os outros habitantes de seu tempo, embora passageiro da vida, foi premiado com a imortalidade.

Por isso, na chamada do tempo:

- Acadêmico centenário OSMUNDO PONTES, Presente!